

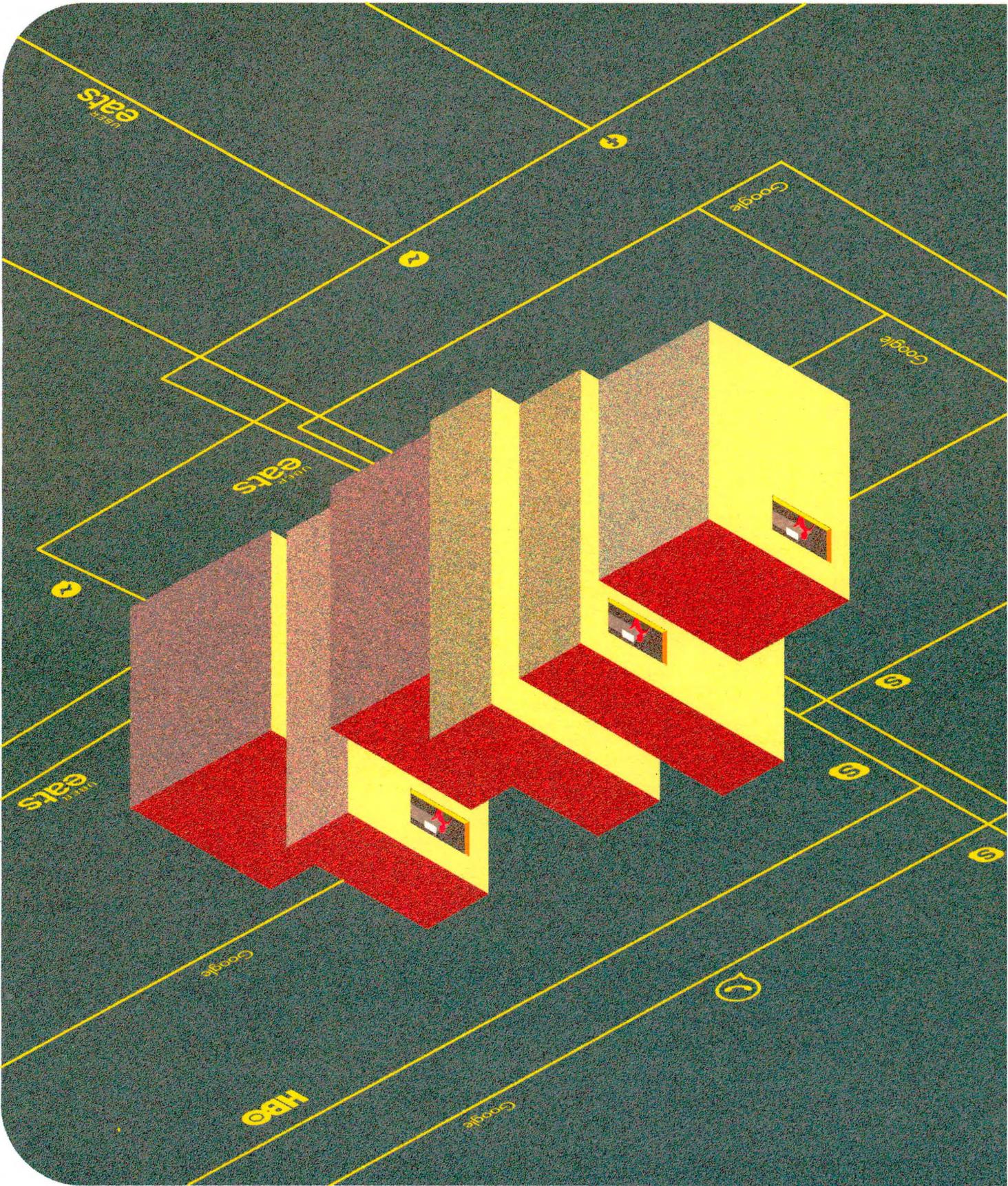
# QUANDO A CASA É O MUNDO INTEIRO

NETFLIX

©

©

©



A distância já pode ser dominada. As barreiras para o longínquo foram derrubadas e fizeram com que a casa passe a ser o centro de tudo, onde nada falta porque tudo vai lá ter. As novas formas de trabalho individual ligaram o ser humano ao global e desligaram-no do contacto com o próximo. Paradoxos de uma sociedade em mudança acelerada rumo a destino imprevisível.

~~~~~  
TEXTO

*Pedro Emanuel Santos*

**D**ia normal de semana num apartamento de grande cidade. Pequeno, um quarto apenas, renda alta e inquilino com emprego independente. Entre acordar e a mesa do escritório vão meia dúzia de passos de distância. Ou nem tanto. Não há (quase) nada no frigorífico, as contas estão por pagar, cozinhar é tarefa que leva tempo precioso que não pode ser roubado aos tantos relatórios por preparar e enviar para patrões americanos, japoneses, indianos. Muito por fazer e poucas horas para cumprir tamanho objetivo. Um computador basta, e o óbvio acesso à internet, para se dar o salto para realidade paralela: a do Mundo como companhia próxima, inteira, disponível e sensível a todo o género de pedidos, ordens e necessidades.

Para começar, o básico: alimentação e todo o tipo de produtos necessários para a lida doméstica. A solução são os sites das grandes superfícies, onde se pode escolher o pretendido como se diretamente das prateleiras que alguém haverá de levar as compras à morada pretendida. Roupa, por exemplo, também vem de uma qualquer loja online de marca conhecida, até estrangeira. Tudo a cartão de crédito.

O trabalho é complementado depois de longa reunião conjunta com pessoas de todos os continentes via Skype. Para depois descomprimir o corpo e mente, e já depois de consultado o netbanking e acertadas todas as contas pendentes, um personal trainer, com quem se combinou aula via internet, vem diretamente a casa e faz dela ginásio.

A noite vai despontando, abre-se um vinho francês encomendado a uma loja de Bordéus para tentar enganar o cansaço que domina e não deixa vontade abundante para a cozinha. Além das mais óbvias soluções, como a comida encomendada via aplicações de telemóvel, agora até um chef pode ser chamado a casa para preparar um jantar especial.

Assim rola o dia-a-dia de cada vez mais milhões de pessoas, as que escolhem o trabalho individual feito exclusivamente em casa e o elevam a um patamar que rompe devagar com os conceitos laborais tradicionais tal e qual os conhecemos durante décadas. Do sofá se faz empresa, do online centros de negócio, das aplicações de telemóvel mercado de rua, dos sites fonte de abastecimento que faz da ida à rua tarefa desnecessária. Vida profissional, lazer e quotidiano sem sair para o exterior.

“É a individualização da vida social, a descaracterização pessoal por ausência de laços de pertença, a frustração coletiva por ausência de enquadramento”, classifica Elisio Estanque, sociólogo e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

O ócio vem depois e também se pode combater a sós. O cinema e as séries chegam através de plataformas digitais como a Netflix e na internet há programas onde é possível descarregar as músicas favoritas. Legalmente, claro está.

A casa tornou-se o pequeno grande universo de onde não se sai durante dias, semanas, porventura meses se necessário. Como se

**“OS HORIZONTES DE OCUPAÇÃO PROFISSIONAL SÃO CADA VEZ MAIS IMPREVISÍVEIS E INSTÁVEIS, DAÍ A TENDÊNCIA PARA A PERDA COLETIVA DO SENTIDO DE TRABALHO”**

**ELÍSIO ESTANQUE**  
Sociólogo e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

fosse prisão autoimposta em regime de liberdade total. Um misto de contradições latentes, portanto. O sol só entra pela janela da sala, aquela que pede reparo urgente à distância de um telefona, as vozes e os rostos da família e dos amigos apenas se ouvem e veem através de videochamadas e outros programas afins mestres em atenuar distâncias e afetos. Tudo é virtual neste quase autoexílio que de forçado tem nada.

“Os horizontes de ocupação profissional são cada vez mais imprevisíveis e instáveis, daí a tendência para a perda coletiva do sentido de trabalho”, prevê Elisio Estanque.

Até mesmo que a saúde fraqueje também não há problema em não sair. Há médicos à distância de um clique, farmácias que já entregam medicação em mãos, linhas de saúde que prestam aconselhamento via telemóvel. Para ajudar a ultrapassar a maleita, a leitura do e-paper do “Jornal de Notícias” é uma boa forma de saber o que se passa no Mundo.

Ser romântico também tem lugar na lista. Há lojas online que permitem encomendar flores ao domicílio, quantas se quiser e onde se desejar que sejam entregues.

### TEMPOS DE “CYBERPRECARIADO”

Esta realidade tem tanto de ficcional como de bem real para muitos. Sobretudo para aqueles que, por obrigação profissional, fazem da casa autêntico refúgio de todos os refúgios, pequeno universo que gira em torno de si próprio num sítio só.

É a gradual despedida dos conceitos tradicionais de emprego e a aposta cada vez mais na chamada “gig economy”, que em muito contempla trabalhar a partir de casa. O conceito, importado dos Estados Unidos e entretanto tornado global, abarca, entre outros, quem não tem posto laboral fixo e faz da própria habitação escritório permanente, podendo realizar tarefas em regime de freelancer para entidades patronais dispersas nos mais diversos pontos geográficos. O Mundo dentro de quatro paredes, lá está. Estar sozinho deixou de significar solidão pura para transpor a barreira da universalidade. Uma barreira fisicamente solitária, é verdade, mas na prática trampolim para uma vizinhança feita de massa invisível formada por milhões de pessoas.

“É o cyberprecariado. Que estilhaça tempos de descanso, de família e de lazer, e que torna os trabalhadores quase mecânicos, sem qualquer vínculo coletivo.” O termo e a explicação são de João Teixeira Lopes, sociólogo e presidente da Associação Portuguesa de Sociologia.

A “gig economy” conheceu fama e ganhou forma em Silicon Valley, paraíso americano das novas tecnologias, onde genialidade e ideias do futuro andam de mãos dadas a ritmo frenético. Com o advento das aplicações que transformam os pedidos caseiros (seja eles quais forem) em ordens, das startups e de tudo o que desmistificou a ideia de que para trabalhar é necessário poiso certo em local fixo, o trabalho individual passou a constar do contexto urbano.

Para João Teixeira Lopes, em casa “trabalha-se mais e interage-se menos”, fazendo perigar a ideia da “rutura necessária entre o espaço doméstico e o espaço profissional e de sociabilidade”. Com isto, acentua-se a “clara perda da consciência de classe” e promove-se

uma “relação cada vez mais individualizada aos mais diversos níveis”. Algo que “não é só uma tendência e que vai aumentar a curto prazo, devido ao desenvolvimento constante da automação, da inteligência artificial e das novas tecnologias”, considera.

Tamanhas e acentuadas revoluções trazem alterações de hábitos e rotinas. Números recentes apontam que os pedidos de entrega de comida ao domicílio feitos através de telemóvel aumentaram 115% nos últimos dois anos. A conclusão é da App Annie, empresa que analisa as movimentações das aplicações do género a nível mundial. Só na Coreia do Sul, país onde a tendência para o trabalho individual mais se tem feito sentir, os pedidos subiram... 130%. No Canadá, Reino Unido e Estados Unidos registaram-se movimentações significativas, acima dos 100%. Índia e Japão também fazem parte da lista, o que confirma o sinal de que as nações onde a casa é cada vez mais escritório lideram as mudanças globais.

As mudanças foram tantas que, segundo adianta o mesmo estudo, empresas tradicionais como a McDonald’s ou a Burger King reforçaram de forma significativa a aposta nas entregas personalizadas com o objetivo de não perderem o comboio da competitividade e de não comprometerem as receitas. Ora, tais entregas são realizadas por outras plataformas externas, como a Uber Eats, o que vem provar mais uma verdade da “gig economy”: a de que a economia circular utiliza plataformas móveis como modo preferencial de apoio e serviços ao cada vez maior isolamento caseiro do indivíduo.

### METAMORFOSE SOCIAL EM MARCHA

Mas pode a “gig economy” destruir o modelo de sociedade tal e qual o conhecemos e tornar-nos indivíduos paradoxalmente mais afastados do Mundo quanto mais a ele estamos ligados? Elisio Estanque não tem dúvidas: “O trabalho individual conduz ao isolamento e à fragilização”.

Com uma vida cada vez mais centrada num pequeno círculo, as mudanças na sociedade ameaçam acrescentar novos capítulos ao comportamento geral. E só nas próximas gerações se conhecerá o desfecho de tais alterações, muito embora existam sinais do que pode vir aí. “Ao longo da História, a profissão e o trabalho sempre foram o grande elo de ligação do indivíduo com a sociedade. Isso está a perder-se a um ritmo de consequências imprevisíveis, o que levará a um sentimento geral futuro de frustração”, calcula Elisio Estanque.

“A grande contradição é que estando menos presos às formas mais clássicas de trabalho nos sentimos mais livres e autónomos quando isso não passa senão de mera ilusão”, defende Elisio Estanque. “O trabalhador perde força, torna-se mais vulnerável. Uma independência muito falaciosa, aliás. A grande maioria fica é mais dependente, sem grandes formas de poder defender os seus direitos”, explica.

“É a metamorfose na forma como é oferecido o trabalho e na relação entre empregadores e empregados”, resume Elisio Estanque. Uma metamorfose que vai alterando hábitos e sugerindo mudanças de comportamento que apontam ao agudizar do individualismo. Afinal, com o Mundo inteiro dentro de casa, para quê tomar contacto direto com ele? 17

**“É O CYBER-  
PRECA-  
Riado. QUE  
ESTILHAÇA  
TEMPOS DE  
DESCANSO,  
DE FAMÍLIA  
E DE LAZER,  
E QUE TORNA  
OS TRABA-  
LHADORES  
QUASE  
MECÂNICOS,  
SEM QUAL-  
QUER  
VÍNCULO  
COLETIVO”**

**JOÃO TEIXEIRA  
LOPES**  
Sociólogo e presidente  
da Associação  
Portuguesa de Sociologia